

Patrimônio, memória e modernidade: representações sociais sobre o patrimônio cultural em São Francisco do Sul – SC.*

Sandra P.L. de Camargo Guedes**
Eleide Abril G. Findlay***

Localizada na ilha com o mesmo nome, às margens da baía da Babitonga, no nordeste do Estado de Santa Catarina, a cidade de São Francisco do Sul tem seu centro histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional –IPHAN- desde 1987 e possui uma vasta cultura imaterial atribuída aos açorianos que compuseram grande parte de sua população. Percebe-se uma permanência, até os dias atuais, de traços bastante fortes daquela cultura, principalmente da crença em bruxas, lobisomens, boitatás e assombrações. Não se tratam, contudo, apenas de reproduções de lendas ou mitos passados de gerações a gerações, mas de relatos de vivências dos próprios interlocutores com personagens desse chamado patrimônio imaterial. Essas vivências, no entanto, estão presentes nas falas das pessoas mais idosas daquelas localidades e eles mesmos confessam que hoje em dia não se vêem mais tais seres. Quais as representações que essa sociedade faz atualmente sobre essa parte de seu patrimônio cultural, ou seja, sobre os mitos e lendas, é o problema central deste trabalho.

Concordando com Moscovici, Jovchelovitch, Chartier, Pesavento, Cardoso¹ e tantos outros, diferentes representações sobre o mesmo campo do real são formadas por diferentes grupos sociais que possuem afinidades entre si e essas representações transformam-se, freqüentemente, em ações. Levando-se, ainda, em consideração o fato de que as Representações são sociais e criadas e disseminadas, principalmente pela mídia, mas também

* Projeto financiado pelo FAP/UNIVILLE e pelo CNPq.

** * Profa. Dra. dos departamentos de história e medicina da UNIVILLE. Coordenadora do projeto.

*** * Profa. Msc. dos departamentos de história, ciências econômicas e ciências contábeis da UNIVILLE.

por experiências pessoais e sociais que são divulgadas através de conversas que perpassam diferentes grupos, diversos estudiosos têm insistido na necessidade da “triangulação metodológica” nesse tipo de pesquisa, ou seja, na combinação de técnicas múltiplas, ou de múltiplos pesquisadores com o objetivo de aumentar o grau de confiabilidade das interpretações². Assim, essa pesquisa foi buscar inicialmente na mídia impressa e na documentação escrita existente as representações e suas modificações através dos tempos, sobre aquele patrimônio. Posteriormente, essa documentação foi comparada às diversas fontes orais que construímos, ou seja, entrevistas individuais, entrevistas grupais e aplicação de formulários, que mostraram a realidade do tempo presente relacionada ao tema.

A presença daqueles que, para facilitar nossa explanação, chamaremos de “seres”, na vida dos francisquenses é bastante antiga, tendo vindo, provavelmente com os primeiros colonizadores já no século XVII. Contudo, não são exclusividades dessa região. Lobisomens, boitatás, bruxas e assombrações são encontrados em várias outras partes do país, com pequenas variações regionais, fazendo parte daquele que foi, por muito tempo, chamado de folclore brasileiro e que hoje, procurando uma conceituação mais ampla é inserido no conceito de cultura imaterial.

Apesar das tentativas dos intelectuais de retirarem dos mitos e lendas da cultura brasileira o estigma de serem sinônimo de credices oriundas de populações atrasadas e ignorantes, inserindo a cultura imaterial na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, como parte integrante do Patrimônio Cultural Brasileiro, percebe-se que, mesmo assim, eles ainda estão ligados àquela concepção e fadados, portanto, ao esquecimento.

A inserção dos mitos e lendas no rol dos sinônimos de atraso fez parte dos discursos de modernidade implementados no Brasil, principalmente a partir do início do século XX quando, além das modificações estruturais das cidades que procuravam substituir o passado por construções mais arejadas e amplas, procurava-se também modificar as práticas

sociais consideradas ultrapassadas. O discurso científico toma conta dos jornais, mostrando que somente através da ciência³ seria possível alcançar a modernidade e que, portanto, todos aqueles que ainda usassem explicações não científicas para os fenômenos naturais, deveriam ser ignorados e, se possível, eliminados da nova realidade modernizadora⁴.

Já na década de 1920 os “mais ilustrados” consideravam as crendices populares como fruto da ignorância, do atraso e procuravam explicá-las através da razão, mostrando-os como fruto de “peças” pregadas pela escuridão e pela natureza, cujos ventos, ruídos e vários tipos de sons e objetos, faziam os “nativos” darem corda à imaginação.

A “Coroa Grande” [extenso banco de areia de São Francisco do Sul] à noite segundo a ingênua e grotesca teratologia dos naturais, é povoada de monstros horripilantes e malfazejos que passam o dia escondidos nos meandros pantográficos da embocadura do “Monte de Trigo”, ou no recesso dos pantanais ribeirinhos.[...]
Então, batendo o queixo, no terror doentio do homem supersticioso, procura esconder-se no fundo da canoa, franzido de pavor, na antevisão desoladora de espectros macabros de “mulas sem cabeça”, de “boitatás”, de “lobisomens”, a cujos malefícios atribui àquela súbita mutação do cenário circunvolvente. [...]⁵

O articulista relaciona as visões dos caboclos à superstição e que elas eram, na verdade, produzidas pela própria natureza. Acrescenta, ainda, que aqueles seres eram vistos pelo caboclo ou “natural”, pessoas “ingênuas”, doentes de tão supersticiosos, já denotando um certo preconceito por aquele grupo social.

Em outro artigo, no mesmo jornal e do mesmo autor, o homem supersticioso é apresentado como, além de ignorante, descrente a Deus. “A superstição foi trazida ao Homem pela fantasia alucinadora do Satanás, digno fruto da árvore que o produziu”. Mostrava que a religião era “o símbolo do futuro” e que acreditar naquelas superstições significava optar por satã. Acabava seu artigo apelando para que as pessoas fizessem suas escolhas, “no foro íntimo de suas consciências”⁶ ou seja, se iriam continuar do lado de satã ou do lado de Deus. Com certeza esse tipo de discurso deve ter sido bastante eficiente, pelo menos para aquela parcela da população letrada e que tinha acesso aos jornais. Em uma cidade onde a maior

parte da população era constituída por católicos, identificar a crença naqueles seres como tendo parte com o demônio era um elemento a mais que se juntava ao do atraso e da ignorância.

Percebemos que os entrevistados que possuem um status social mais elevado, nunca viram esses “seres” e também os relacionam ao atraso. Da mesma forma, notamos que, as pessoas mais jovens, quando abordadas através de entrevistas semi-estruturadas dizem não acreditar “em nada disso”, que são coisas que fazem parte das “histórias” que os antigos contam, que são “lendas”, denotando um certo preconceito e, ao mesmo tempo, receio de serem surpreendidas por acreditarem em algo que as identificaria como “ignorantes”. Porém, mesmo dizendo que não acreditam, que isso é imaginação “do povo”, quando questionados se alguma vez tiveram oportunidade de encontrar com algum daqueles seres, dizem que não, mas acrescentam - “e nem quero!”, evidenciando que não há uma certeza de que eles não existam.

Sônia Maluf também percebeu esse tipo de rejeição dos mais novos com relação às bruxas de Florianópolis. Para ela a cultura popular passou a ser considerada sinal de atraso, por isso as pessoas mais “modernas” não querem ser identificadas a traços da cultura popular. Existe um medo de serem classificados como crédulos ou ingênuos.

Quer dizer, a rejeição dos valores e das vivências dos mais velhos é um dos canais por onde os jovens constroem sua identidade que, neste momento, passa pela absorção de uma cultura urbana e “moderna” exterior à comunidade. Atribuir o conhecimento de crença e histórias de bruxaria aos mais velhos é uma forma de não se comprometer com essa cultura local “tradicional” e, de alguma forma, marcar sua diferença com ela.⁷

Já as pessoas mais velhas, quando em entrevistas orais não estruturadas, soltam-se mais e contam muitas de suas vivências com lobisomens, bruxas ou assombrações. Sobre o lobisomem, figura mais citada nas nossas entrevistas, percebe-se que as descrições feitas são muito parecidas com as de outras partes do país e descritas nos tratados de folclore brasileiro. Essas descrições respaldam as falas de alguns de nossos entrevistados, como a do senhor Zózimo,

então a gente não sabia se era uma visagem ou era o lobisomem. O lobisomem existe, existe o lobisomem. Agora não aparece tanto porque [...] cachorro está comum, mas existe o lobisomem. Existia, e existe! [*ênfase*] Como existe o lobisomem, existe a bruxa, sabe? [...]então a gente, naquela época, todo mundo sabia e até às vezes sabia quem era o lobisomem. A pessoa ia treinando, [...] e sabia quem era, só que a gente não podia falar, porque as pessoas que sabiam se falassem que você é lobisomem no meio de uma comunidade, eles davam um jeito na pessoa. Então a gente tinha medo, a gente via e ficava quieto, não vi nada, mas existia. Uma vez, vou contar uma coisa para você, eu morava lá naquela casa da praia [...] e eu vim quando foi umas onze horas, do André, aquela época eu gostava de sair de noite, quando eu vinha vindo aquele cachorro jogou-se em cima de mim, me jogou na água, aquele cachorro e era um lobisomem.[...] Não mordeu porque eu corri para a água, mas era desse tamanho assim. Naquela época existia, agora a gente não vê, porque agora é comum se encontrar uma pessoa e não saber quem é.⁸

Senhor Zózimo dizia que era uma questão de “treino” saber identificar o lobisomem, ou seja, observar as ações dos vizinhos, dos conhecidos e relacioná-las com os acontecimentos noturnos e as reações nos dias seguintes às “aparições” do lobisomem. Porém, a descoberta só servia para que tomasse cuidado, pois “era perigoso” identificar o lobisomem, já que ele poderia se vingar daquele que o identificasse. A fala do senhor Zózimo denota, ainda, a atribuição ao crescimento da cidade o fato de atualmente não se ver mais o lobisomem, pois anteriormente, como se conhecia todos, inclusive os cachorros da região, sabia-se exatamente quem não pertencia ao local, o que hoje é impossível, já que “é comum se encontrar uma pessoa e não saber quem é”.

A relação da bebida com as visões de diferentes seres noturnos é percebida na análise dos discursos. Em certa parte de sua entrevista o senhor Zózimo confessa que era alcoólatra “[...]eu bebia e também gostava de encrencar com os outros, [...] ‘eu não vou beber mais, [...]’ - e já fazem vinte e sete anos que eu não bebo. [mas] eu nunca pude deixar de beber porque, para mim, aquilo era uma grande vantagem beber para sair fazendo festa.⁹ Analisando-se o discurso presente nessas e outras experiências que tivemos a oportunidade de registrar, percebem-se algumas coincidências que são freqüentes nos relatos e também nas descrições encontradas na literatura correspondente a outras regiões do país, ou seja, o lobisomem: é um homem transformado em um cachorro alto e grande; tem um urro bastante

forte; desconfia-se quem seja, mas temem identificá-lo temendo represálias; é relacionado a passeios noturnos masculinos e geralmente envolvendo álcool; na maioria das vezes aparece lutando com cachorros e aparece em locais de vegetação alta ou algo que encubra a visibilidade total. A partir dessas constatações, podemos inferir algumas hipóteses para o aparecimento do lobisomem e algumas assombrações ou visagens. A noite sempre teve uma estreita ligação simbólica com o medo, com a presença da morte e de aparições terríveis. A maioria dos monstros, assombrações, bruxas e outros seres “anormais” têm suas presenças registradas durante a noite¹⁰.

Nesse sentido, na maioria das vezes, o lobisomem, boitatá e assombrações eram vistos por homens, pois somente a eles era permitido sair a noite, o que não era comum às mulheres. Já as bruxas têm uma característica diferente, pois, por serem mulheres e atacarem, preferencialmente os recém-nascidos, tinham contato com as mães.

Os discursos analisados nos fazem perceber que as pessoas que viam aqueles seres reconhecem que eles desapareceram com o crescimento das cidades e o aparecimento de pessoas diferentes ao meio. Todos eram conhecidos. Assim, quando viam alguma coisa diferente, quer fosse gente ou animal, concluíam ser assombração ou lobisomem. Depois que a cidade cresceu, a identificação tornou-se mais difícil, existem muitos estranhos, por isso aqueles seres vistos antigamente não o são mais. Ampliou-se o nível de desconhecimento, a cidade ficou diferente, não é mais a mesma, não é só dos pescadores e, os outros, aqueles que vieram de fora, como não tiveram a mesma vivência dos nativos, não acreditam naqueles seres.

É, assombração. Diziam que era um caboclo que levava uma fulana para lá e para assustar o povo que era pobre, bobo, ele fazia uma caveira de mamão.. ele assustava todo mundo ali, para não interferir no caso dele. Sempre essas histórias de lobisomem, bruxa, é invencionice, coisa inventada pelo povo mais antigo, hoje não tem mais isso, [...] ninguém mais aceita, antigamente todo mundo era muito medroso, todo mundo vivia na escuridão, tudo no escuro, qualquer coisa assustava.¹¹

O crescimento das cidades, com muitas casas e, principalmente a ampliação dos locais com luz elétrica, ao mesmo tempo em que trouxe pessoas estranhas àqueles ambientes, diminuiu os espaços escuros que propiciavam o aparecimento de seres sobrenaturais. A luz elétrica e a extinção das matas nativas afastaram os “monstros” do passado, mas trouxeram novos medos às populações das cidades estudadas, ou seja, o medo do estranho, do novo, daquele que destrói a natureza, que polui os mares e acaba com a vegetação, como mostra o senhor Toríbio

[...]Bom, toda cidade que a gente nasce a gente gosta, não é? Pra mim [São Francisco do Sul] é a melhor cidade do mundo, para mim morar. Agora, está ficando ruim, por que veio o progresso e o progresso está nos atrapalhando. Eu não sou contra o progresso, mas eu quero dizer que São Francisco sempre foi um paraíso, pra quem está aposentado, pra quem trabalha como operário. Eu saía dum banco contando dinheiro na mão não tinha problema, se eu saísse assim hoje não é... [...] Essa [empresa] ela trouxe o progresso, mas além de nos prejudicar no futuro, a nossa fauna, a nossa flora, nosso rio, vai nos prejudicar. [...], mas tudo isso vai poluir, e a fauna também. Tem esse problema e o bojo do progresso, vem muito ladrão ai, ta enchendo de gente, tudo quanto é tipo de gente, ta enchendo de gente.. de gente que eu nunca vi...[...] A gente não conhece mais ninguém, no meu tempo eu sabia quem era. O fulano mora em tal lugar, agora não se sabe mais.¹²

A modificação da paisagem urbana da cidade de São Francisco do Sul, se deu muito recentemente. Apesar da luz elétrica ser um fenômeno do início do século XX, ela abrangeu apenas o centro da cidade enquanto a maioria da população, principalmente dos bairros, ficou sem luz até aproximadamente o final da década de 1960 quando houve uma ampliação nas redes de energia em todo o estado de Santa Catarina.

Foi junto com a luz e aumento da infraestrutura urbana que a cidade começou a receber um número maior de migrantes, atraídos, na maior parte dos casos, por uma melhor qualidade de vida junto a uma paisagem natural bastante agradável, além da compra de casas para veraneio e da instalação de algumas empresas que propiciaram empregos na região. Esse crescimento que, ao mesmo tempo trás o “progresso”, a “modernidade”, trás também novos medos que, talvez, num futuro próximo, sejam também parte de nossa cultura imaterial.

No entanto, o que pudemos perceber é que as representações construídas sobre parte da cultura imaterial da cidade em estudo, que a identifica com o atraso, a ignorância, estão levando a ações ligadas ao esquecimento e não à preservação como sugere a Constituição Federal.

¹ MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais na esfera pública**. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000 e CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.) **Representações**. Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000

² SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A., JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em representações sociais**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.138

³ Fiz uma discussão mais ampla desse assunto em GUEDES, S.P.L.C. **Instituição e sociedade**. A trajetória do HMSJ de Joinville 1852-1952. Joinville: Movimento &Arte, 1996.

⁴ Sobre os conceitos de modernidade e modernização ver.FAORO, R. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo:Ática, 1994. E também CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.

⁵ THIAGO, Arnaldo S. Pescadores da Babitonga. Bom fruto de árvore boa. Um pescador germano-carijó. **Razão**. São Francisco do Sul. 15 de dezembro de 1928. p.1

⁶ THIAGO Arnaldo S. Superstição e Religiosidade. **Razão**. São Francisco do Sul. 13 de outubro de 1928. p.2.

⁷ MALUF, Sônia. **Encontros noturnos**. Bruxas e bruxarias na Lagoa da conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.90-1

⁸ ROSÁRIO, Z.N. do. **Zózimo Neres do Rosário**. Depoimento [jun.2003]. Entrevistador: A D. Bello. Itapoá - SC, 2003. 1 fita cassete (60 min.) estéreo. Entrevista concedida ao projeto Racismo em São Francisco do Sul –SC.

⁹ Id.Ibid

¹⁰ MALUF, Sônia. **Op.cit.** p. 97.

¹¹ OLIVEIRA, Toríbio de. **Toríbio de Oliveira**: depoimento [set.2003]. Entrevistador: Sandra P. L. de Camargo Guedes. São Francisco do Sul-SC, 2003. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Representações sociais sobre o Patrimônio Histórico e pré-colonial da Baía da Babitonga

¹² Id. Ibid